

**Projeto “Sesquicentenário do Paraná no contexto escolar”:** uma experiência com questões de gênero.

**Maria de Fátima da Cunha** \*\*

**Gênero no Brasil:**

Este texto relata uma experiência de trabalho com professores da rede pública nas cidades de Londrina e Cornélio Procopio, ambas no Estado do Paraná. Este projeto de extensão consistia na exploração de mapas históricos e banners contendo imagens sobre o Sesquicentenário do Estado do Paraná. No nosso caso, em particular, procuramos trabalhar com os professores questões relacionadas a gênero, a partir das imagens e como abordá-las em sala de aula com os alunos.

A primeira pergunta que colocamos então para os professores foi: como poderíamos trabalhar relações de gênero com os nossos alunos sem que este tema se torne simplesmente uma curiosidade, um assunto divertido e que serve somente para passar o tempo em sala de aula? Como as questões de gênero se relacionam e se inserem em temáticas históricas mais amplas? Aliás, o que são questões de gênero?

Começamos a responder pela última pergunta. Pode-se dizer que, geralmente, quando se fala em gênero quase todos pensam que isto significa abordar a história das mulheres ou a sexualidade feminina. Não é exatamente isto, não é tão simples assim ou, melhor dizendo, não é só isso. Em primeiro lugar, devemos ter claro que foi só depois da década de 1970, no Brasil, que a historiografia passou a se interessar pela participação feminina na história. Até então, como disse a historiadora francesa Michelle Perrot a história que se fazia era um “olhar de homens sobre homens que calava as mulheres”.

---

\*\* Professora do Departamento de História da Universidade Estadual de Londrina (doutora em História Social pela UNICAMP).

Segundo essas abordagens, a mulher também era percebida como tentadora do homem, aquela que perturbava a sua relação com a transcendência (com Deus) e também aquela que conflituava as relações dos homens entre si. Assim, nessa perspectiva, a mulher passa, então, a ser intimamente ligada à idéia da natureza, à carne, ao sexo, ao prazer, aquela que tentava os homens e que os levava a pecar. Portanto, esses instintos femininos precisavam ser “normatizados”, ou seja, a mulher precisava ser disciplinada e quando “saísse da linha” precisava ser punida.<sup>1</sup>

Especialmente no Brasil, através da historiografia que analisou a temática feminina, pode-se verificar que foram resgatados vários aspectos da condição feminina, em períodos que variam do século XIX até meados do século XX, como: ama-de-leite, operária, prostituta, militante, “solteirona”, entre outros.

Falando da condição feminina e da visão da mulher como “ser socialmente” destinado à reprodução da espécie e “incapaz” de atingir a plena racionalidade - atributo essencialmente masculino -, Maria Stela Bresciani argumenta que o privilégio da participação e da “plenitude racional” foi sempre exercido por uma reduzida parcela de homens: os proprietários. Aos não proprietários, mulheres e escravos, restavam o anonimato e a labuta dos afazeres domésticos.<sup>2</sup>

Assim, Bresciani atenta para o fato de que a história da mulher enquanto cidadã é, ao mesmo tempo, uma “história da exclusão” e a “história de uma luta”, principalmente para ser reconhecida - e para se reconhecer - como indivíduo capaz de dominar os princípios da ética e da racionalidade da vida pública.

A visão que aponta a impossibilidade do domínio da razão pela mulher fundamenta-se, como informa Michele Perrot, na teoria e estereótipo elaborados no século XIX, baseados no discurso naturalista, que insistia na

---

<sup>1</sup> Cf. MURARO, Rose Marie “Breve Introdução à História” – In; Malleus Maleficarum. RJ: Rosa dos Tempos. 1991.

existência de duas "espécies" com qualidades e aptidões diferenciadas. Aos homens o cérebro (mais importante que o falo/pênis), que era símbolo da razão lúcida, da capacidade de decisão. As mulheres, eram identificadas ao coração, à sensibilidade, aos sentimentos.<sup>3</sup> Com relação à atenção dispensada pela narrativa histórica tradicional ao tema da mulher, Perrot ao avaliar a memória que o investiga, bem como as fontes disponíveis para esse estudo, localiza uma quase ausência da história da mulher. Sobre as mulheres do povo, o silêncio é ainda maior, e só se fala delas quando suas insatisfações com o preço do pão, por exemplo, começam a preocupar, ou quando provocam brigas contra os comerciantes e proprietários, ameaçando subverter a *ordem* através da greve.<sup>4</sup>

Essa ausência da mulher na história se reduz ainda mais quando se verifica que os arquivos públicos, organizados por homens, realizam uma seleção que deixa poucos registros sobre o feminino. Quando trazidas à cena, geralmente as mulheres aparecem através de estereótipos amplamente veiculados: vociferantes quando falam e histéricas quando gesticulam. Ou seja, aparecem somente pelo lado negativo.

Entretanto, é possível verificar que, em alguns momentos, as mulheres conseguem ultrapassar os limites do espaço privado destinado a elas. Essa superação é quase sempre feita pela via da excepcionalidade: da notoriedade pelo sucesso de suas profissões, pela militância política ou pelo casamento. Em outros casos o destaque é alcançado pelo trágico caminho da criminalidade, da prostituição e até mesmo da loucura.<sup>5</sup>

Podemos demarcar a década de 1980, no Brasil, como o momento em que acontece uma inovação nos estudos sobre o feminino, passou-se a utilizar os Estudos de Gênero para se trabalhar com questões ligadas ao feminino.

---

<sup>2</sup> Cf. Revista Brasileira de História - A Mulher e Espaço Público - n. 18 - ANPUH/Marco Zero - 89/90.

<sup>3</sup> Conferir essas considerações de Maria Stela Bresciani feitas na apresentação da Revista Brasileira de História, no. 18.

Trabalhar com gênero como categoria de análise significa abordar o relacional entre homem e mulher, ou seja, as duas categorias elaboram as suas identidades como complemento ou oposição ao outro.

Explicando melhor, se existe uma identificação da mulher a alguns papéis como dona-de-casa, esposa e mãe, do mesmo modo existem os papéis masculinos que ligam os homens a algumas imagens como: o de provedor da casa, de possuidor da força física, daquele que não pode chorar. Tanto para homens, quanto para mulheres romper com esses estereótipos é muito difícil, pois estão disseminados na sociedade através de décadas. Imaginem só o que significou para as mulheres o uso de calças compridas, uma coisa aparentemente tão simples hoje, e a luta pelo direito ao voto, então! E para os homens é muito difícil também, mesmo nos dias atuais é muito estranho para algumas pessoas, por exemplo, a mulher ganhar mais do que o marido, ou “pior ainda” este ser sustentado pela esposa!

Em ambos os casos, é preciso perceber que esses papéis são “construções históricas”. Isto é, esses papéis mudam de sociedade para sociedade e também ao longo do tempo. Ser homem ou mulher hoje, é diferente do que era há cem anos atrás, ou há mil anos, como também será diferente no futuro. E mesmo hoje em dia, pode haver diferenças de um país para outro, ou dentro da mesma sociedade .

Outro ponto que os estudo de gênero tentam “desconstruir” refere-se a abordagens que tentam “naturalizar” as relações entre homens e mulheres, ou seja, tornar natural determinadas diferenças porque diz-se que sempre foi assim: é da natureza dos homens serem agressivos, ou é natural que as mulheres sejam calmas. Igualmente, procura-se desmontar aquelas idéias que fazem leituras a partir da natureza, do comportamento de machos e fêmeas, e transportam os comportamentos e atitudes destes para homens e mulheres. Quer dizer, tornam

---

<sup>4</sup> Cf. PERROT, Michele – Os Excluídos: operários, mulheres e prisioneiros. RJ: Paz e Terra. 1998, p. 177.

naturais determinados comportamentos porque são observados na natureza dos animais. Por exemplo, a mulher tem que ter instintos maternos, porque é assim com a maioria das fêmeas, ou é normal que os homens sejam infiéis porque a maioria dos machos tem várias parceiras.

Feitas essas explicações necessárias, passamos ao segundo ponto, que é tentar entender por que é importante trabalhar com essas questões em sala de aula. Primeiro, a sala de aula e a escola são os espaços privilegiados de transmissão dessas idéias que delimitam os papéis a homens e mulheres. A começar pelos nossos livros e cartilhas. São neles que muitas vezes aprendemos, nas primeiras séries, que meninos brincam com carrinhos e meninas com bonecas. Nas figuras e imagens as meninas são, geralmente, representadas como mais frágeis que os meninos. E nos livros didáticos de história é possível contar nos dedos das mãos o número de vezes em que as mulheres aparecem, e quando isso ocorre, é sempre como um acontecimento à parte, uma curiosidade. Como salienta a pesquisadora Guacira Lopes Louro, “a sala de aula e a escola são os espaços de construção das diferenças”.<sup>6</sup>

### **Gênero no Paraná:**

Com relação aos mapas históricos e imagens que compõem a coleção sobre os sesquicentenário do Paraná, podemos perceber que as questões de gênero estão presentes mais do que imaginamos. Então, como trabalharmos esse material a partir dessas questões?

Ao se trabalhar com os mapas, com qualquer um deles, seja aqueles que abordam a expansão das ferrovias no Paraná, seja os que destacam as formas de imigração, ou que apontam as áreas envolvidas no conflito do Contestado, esse

---

<sup>5</sup> BRESCIANI, Maria Stela – op. Cit – p. 20.

<sup>6</sup> Cf. LOURO, Guacira Lopes – Gênero, Sexualidade e Educação. RJ: Petrópolis, Vozes, 1997.

mapas, pela própria natureza de suas funções, não têm como objetivo dizer a seguinte mensagem: os lugares que eles mostram, são cheios de vida.

E é exatamente essa primeira pergunta que um professor deve explorar com seus alunos: quais pessoas moravam nesses lugares? De onde elas vieram? Como elas viviam? A partir dessas primeiras dúvidas o professor pode elaborar a sua aula falando, por exemplo, de imigração, de costumes, de conflitos, de formas de viver. Esse tipo de exploração dos mapas pode superar a dificuldade que as crianças podem de ter ao passar do abstrato do papel, para o concreto. Ao perceberem que cada pontinho, as várias linhas, as cores e traços que compõem os mapas, são sinais que os estudiosos encontraram para dar sentido, ou para indicarem a existência de rios, de montanhas, de estradas de ferro e de cidades, o mapa pode passar a fazer sentido para eles. E mais, que apesar do mapa não mostrar claramente, existiu gente “morando lá”. Homens e mulheres, que construíram casas, atravessaram rios de canoas feitas por eles mesmos, levantaram escolas, hospitais e ferrovias. E que também mataram os índios, disputaram terras e morreram por elas, destruíram as florestas, extinguíram espécies animais. Ou seja, não era só o paraíso.

Especialmente no Paraná, podemos mostrar que existiram imigrantes sim, mas que nem todos “mereceram ser lembrados”. Existiram vários pioneiros mas que nem todos “entraram para a História”, e por que isso? Por que só alguns foram dignos de nota? Quais interesses estão por trás disso? E certamente, devem ter existido “pioneiras” e por que não se fala delas? Quem eram essas mulheres que vieram para Londrina, Maringá, Castro, Ponta Grossa, Curitiba? O que elas faziam?

Em particular sobre o tema do pioneirismo algumas leituras críticas na perspectiva do gênero já foram levantadas por pesquisadores do Paraná. Rosemeire Angelini Castro salienta que, na memória sobre o passado local da cidade de Londrina, percebe-se a exclusão do feminino. Segundo a autora, nesta

sociedade construída por homens (pioneiros) “a aventura, a coragem, o espírito bandeirante, identificados aos gestos audaciosos de comprar terras, de derrubar florestas, de plantar extensas lavouras” construíram um discurso sobre a memória da cidade ligada ao progresso.<sup>7</sup>

Para essa autora, a imagem preponderante ligada ao pioneiro não permitiu vir à tona as angústias, os sentimentos e os desejos do gênero feminino. Segundo Castro, quando se pesquisa sobre a presença feminina na cidade de Londrina tem que se descobrir outras fontes, pois na documentação pública tradicional, a mulher não aparece e quando isso ocorre é de forma fragmentada. Uma saída para superar essa ausência é recorrer à literatura, especialmente nos romances, crônicas e também nos jornais e revistas, em suas colunas dedicadas ao público feminino.

Com relação às imagens da Coleção, em algumas delas é muito fácil perceber a existência de questões de gênero que apontam para algumas das abordagens tradicionais dos papéis femininos dos quais nos referimos anteriormente. Por exemplo, no cartaz sobre agricultura, chama a atenção a presença marcante das mulheres em trabalhos na lavoura, em especial na produção do café. Isso, talvez, possa nos remeter a memórias familiares de nossas mães e avós que trabalharam na roça nos contando sobre como conciliavam os afazeres domésticos de esposa, mãe e trabalhadoras, muitas vezes levando os filhos juntos, em alguns casos ainda bebês que ficavam à sombra dos pés de cafés. E isso nos remete também a uma “outra verdade”: a de que as mulheres pobres sempre atuavam na produção. A conquista pelo direito ao trabalho fora de casa foi muito mais uma luta para as mulheres de classe média burguesa.

Para se trabalhar com esse cartaz sugere-se algumas perguntas que os professores podem fazer para os alunos

---

<sup>7</sup> Cf. CASTRO, Rosimeire Angelini – O Cotidiano e a cidade: práticas, papéis e representações femininas em Londrina (1930-1960-). UFPR: Curitiba, 1994 (Diss. Mestrado)

- Quem aparece nos cartazes? (obviamente alguns irão perceber as figuras femininas)
- Como as mulheres faziam para trabalhar na lavoura? Com quem elas deixavam os filhos? Quem fazia a comida?
- Se os alunos têm mães, avós e parentes que trabalhavam na roça? (pedir para entrevistar alguém próximo a eles)

Um outro cartaz que aborda o tema das etnias de imigrantes que vieram para o Paraná aponta para vários povos, como: sírio-libaneses, eslavos, japoneses, afro-descendentes e indígenas. Na maioria das imagens, as etnias são apresentadas pela figura feminina. Por que essa vinculação da mulher às várias etnias? Uma possibilidade de interpretação é a idéia de fertilidade implícita nessa associação. A mulher seria aquela que carregaria no ventre o futuro e a continuidade das futuras gerações.

Sugestão para se trabalhar esse cartaz com os alunos:

- Perguntar para eles qual imagem vem à memória quando se fala em imigrantes? Em qual imigrante eles pensam?
- Se essa figura evocada por eles é feminina ou masculina?
- Quais alunos possuem avós de outras etnias?

O terceiro cartaz é aquele que aborda o tema educação e, praticamente em todas as imagens, aparece a figura da mulher associada a escola, ao ensino, a educação de um modo geral. A única imagem em que aparecem homens é aquela em que mostra o pátio da Universidade Federal do Paraná, ou seja, na imagem relacionada ao terceiro grau. Isto aponta para algumas questões que merecem ser discutidas. Em primeiro lugar, a identificação da sala de aula e do magistério, principalmente do ensino fundamental, como um espaço essencialmente “da mulher”, aliás uma das poucas profissões que foi durante muito permitida à mulher. O “terceiro grau”, ou seja, a universidade associada à presença masculina,

enseja toda uma concepção de hierarquia do saber que interpreta a academia como lugar de produção do conhecimento e, portanto ligada à razão masculina. Esses pressupostos legitimam idéias que, até hoje, entendem o espaço do ensino como fundamentalmente feminino.

Sugestões de como trabalhar esse cartaz:

- Quem foi a primeira professora dos alunos? Eles se lembram dos seus nomes? Por que a maioria, senão todas, são mulheres? Não poderia ser professor?
- Pedir para eles pesquisarem sobre a primeira escola de Londrina e sobre a escola deles (sobre o nome da escola, se foi uma pessoa, quem foi)
- Fazer uma pesquisa para saber quais alunos tem parentes professores e se há um maior número de mulheres do que homens, discutir os motivos.

Finalizando, acreditamos ter demonstrado como, na realidade, as questões de gênero fazem parte de temas muito mais amplos como, por exemplo, formas de dominação, de exploração do trabalho e de construção da memória. Isto significa que elas estão inseridas num âmbito muito maior, nas próprias relações de poder, entre homens e mulheres <sup>8</sup>. Gênero também é um excelente caminho para ajudar a compreender certas formas de permanência, estando, portanto, na linha de frente ao ataque a uma concepção universalizante e sintética das realidades passadas. (TRINDADE E MARTINS, 1997: 4)

---

<sup>8</sup> Cf. TRINDADE, Etelvina e MARTINS, Ana Paula V. (orgs.) – Mulheres na História: Paraná – Séculos 19 e 20. Curitiba: UFPR, 1997, p. 4